

Uma História Ambiental da Batinga Sul – Rio Grande do Sul (Brasil)

Thais Gaia Schüler¹, Magna Lima Magalhães²

RESUMO

O artigo tem por objetivo discutir a relação estabelecida entre os elementos ambientais e culturais constituintes da formação histórica da localidade de Batinga Sul, região rural situada no município de Brochier, inserida entre os Vales dos Rios Caí e Taquari, no interior do Rio Grande do Sul (Brasil). Seu território vem sendo ocupado há aproximadamente dez mil anos por um constante movimento de antropismo marcado pela renovação, pelo reajuste e pela transformação na relação sociedade-natureza, mediada, sobretudo, pela determinação das técnicas usadas sobre o espaço. Sua paisagem é, assim, resultado de um processo histórico e cultural. O estudo em questão, desenvolvido na perspectiva interdisciplinar da História Ambiental e valorizando a indissociabilidade entre cultura e natureza, está subsidiado na pesquisa realizada em acervos locais, bem como na História Oral e na Etnografia. A pesquisa indica que a paisagem local, para além das condições ambientais, é fruto de um processo histórico e cultural marcado por permanências e renovações que são esboçadas desde os primeiros assentamentos humanos na região, os quais, juntamente com a colonização teuto-brasileira, são constituintes da memória coletiva e das referências identitárias da comunidade local contemporânea.

Palavras-chave: paisagem, história ambiental, Batinga Sul, território, cultura.

¹ Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2838-087X>. E-mail: thaischuler@yahoo.com.br

² Doutora em História. Professora do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9661-4178>. E-mail: magna@feevale.br

A pesquisa se propõe a uma contribuição no campo da História Ambiental, paradigma historiográfico interdisciplinar que se concentra no estudo das interações entre os seres humanos e o ambiente natural, tomando a paisagem como um documento e ampliando a análise histórica para além da historiografia política³.

A emergência da história ambiental, ocorrida na segunda metade do século XX, segundo José Augusto Pádua⁴, não está centrada na atenção para o tema da natureza, visto que ela sempre foi uma categoria central do pensamento humano, ao menos na cultura ocidental, desde a Antiguidade. Para o autor, a necessidade de estudos de história ambiental é centrada em três pontos cruciais: na ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; na revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e na visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo.

Um estudo de História Ambiental tem foco em um território, visto que a história ocorre sobre um determinado tempo e espaço⁵. Um território, por sua vez, não constitui apenas um espaço geográfico. Ele é indissociável da atividade humana, é atravessado por uma série de perspectivas de poder, de relações sociais e identitárias e se constitui para além da cartografia, da paisagem e do espaço⁶. Território e espaço não são sinônimos, posto que o espaço antecede o território, operando como sua “matéria-prima”.

O território é uma produção a partir do espaço, um produto social construído pelo antropismo e ligado à história dos povos, pressupondo marcas humanas específicas sobre ele, seja pela implantação de infraestruturas, pelo seu uso agrícola, ou ainda, por sutis rabiscos em um paredão de arenito. O estudo da formação de um território, por sua vez, implica a periodização de sua ocupação, a sistematização das características de seus usos, suas continuidades e, principalmente, suas rupturas. É

³ Donald Worster, “Para Fazer História Ambiental”, *Estudos Históricos* 4, 8 (1991): 198–215.

⁴ José Augusto Pádua, “As Bases Teóricas da História Ambiental”, *Estudos Avançados* 24, 68 (2010): 81–101.

⁵ Verena Winiwarter, “Abordagens sobre a História Ambiental: Um Guia de Campo para os Seus Conceitos”, *Abordagens Geográficas* 1, 1 (2010): 1–21.

⁶ Helena Brum Neto, “Os Territórios da Imigração Alemã e Italiana do Rio Grande do Sul” (Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2012).

marcado por um constante movimento de renovação, reajuste, transformação na relação sociedade-natureza mediada, sobretudo, pela determinação das técnicas usadas sobre o espaço⁷.

Dentro do conceito de território, Helena Brum Neto⁸ insere a ideia de paisagem enquanto representação da análise territorial que expressa o desenvolvimento econômico e social, a interação com a natureza e as escolhas dos grupos sociais que organizam dado espaço. Por meio da paisagem é possível observar as (des)continuidades e as transformações nas formas e nas simbologias de um território, pois representa a própria materialização do resultado dos processos históricos de sua construção, exprimindo, segundo a autora, a herança das relações entre ser humano e natureza em determinados contextos históricos.

Se, para Braudel⁹, o ambiente é um elemento quase fora do tempo, agindo na moldagem da vida humana nos processos de longa duração, para Simon Schama¹⁰ é, também, transformado pela vida humana. A natureza é preenchida, venerada, temida, mapeada e transformada pelos seres humanos, compondo a gênese do imaginário de todas as civilizações, com maior ou menor intensidade. Mitos e lembranças vinculadas à paisagem carregam em si duas características principais: longa permanência no tempo e capacidade de moldar instituições que permanecem na contemporaneidade.

Os hábitos culturais da humanidade sempre incluíram o caráter sagrado da natureza. Mesmo os mitos antigos que são negados pelo cientificismo da sociedade contemporânea, não desapareceram: toda a tradição da paisagem contemporânea se sustenta a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões que fazem parte de um sistema coletivo que está à nossa volta, ainda que oculto no que a sociedade concebe como imemorial. Assim, a natureza não é algo anterior à cultura: ela é em si um objeto cultural, não havendo sentido em separar natureza e cultura. Nas palavras de Schama: “uma árvore nunca é apenas uma árvore. Em cada árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória”¹¹.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ *Apud* Donald Worster, “Para Fazer História Ambiental”, *Estudos Históricos* 4, 8 (1991): 198–215.

¹⁰ Simon Schama, *Paisagem e Memória* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

¹¹ *Ibid.*, contracapa.

Ainda que os vários ecossistemas que sustentam a vida do planeta estejam agindo muito antes da ascendência do *Homo sapiens*, é difícil imaginar um único sistema natural que a cultura humana não tenha modificado de maneira significativa. Embora tenha ápice no advento da industrialização, tal processo é muito antigo, tendo origem nas primeiras formas de desenvolvimento da agricultura. A domesticação da natureza é algo tão antigo quanto a própria existência humana. Até mesmo o que a sociedade considera “natural” é artificialmente selecionado, como as espécies vegetais criadas pelos modernos sistemas agrícolas¹².

Este artigo vislumbra apresentar uma leitura acerca do território da Batinga Sul (município de Brochier, Rio Grande do Sul), comprometido em demonstrar a indissociabilidade entre cultura e natureza no contexto em questão. Concentra-se nas modificações na paisagem decorrentes da colonização teuto-brasileira, enfatizando as transformações mais significativas desde o final do século XIX, mas sem desconsiderar as ocupações humanas anteriores. A base empírica é fruto das pesquisas desenvolvidas no Mestrado Acadêmico em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, ao longo dos anos de 2018 e 2019, e que se concentrou nos processos memoriais da comunidade relacionados aos artefatos arqueológicos encontrados na região brochiense¹³.

A metodologia considerou os três níveis do fazer história ambiental propostos por Worster¹⁴, quais sejam: compreensão de como a natureza se organizou e funcionou durante a história; interações sociais e econômicas das sociedades com o ambiente em determinado espaço geográfico e as interações menos concretas que se dão entre indivíduo e natureza, como os valores, os mitos, etc. Dessa forma, além de considerar os estudos paleoclimáticos, geomorfológicos e arqueológicos sobre a região, o estudo está subsidiado na investigação em acervos locais, como o acervo do Museu Nice Antonieta Schüler, situado na cidade de Montenegro, e o acervo da Biblioteca Pública Municipal e do Memorial *Neu Frankreich*, ambos localizados na cidade de Brochier.

¹² *Ibid.*

¹³ Thais Gaia Schüler, “As Coisas, as Pessoas e o Lugar: Estudo das Memórias da Comunidade de Batinga Sul a Partir de Vestígios Arqueológicos” (Dissertação de mestrado, Universidade Feevale, 2019).

¹⁴ Donald Worster, “Para Fazer História Ambiental”, *Estudos Históricos* 4, 8 (1991): 198–215.

A investigação também está respaldada, destacadamente, na História Oral aplicada em seu limiar com a Etnografia, considerando que a história ambiental não se faz em um nível abstrato, mas a partir de experiências vividas¹⁵. Foram realizadas entrevistas não-diretivas em campo¹⁶, valorizando o “estar lá” do fazer etnográfico enquanto parte da observação para a constituição de uma leitura acerca do contexto de estudo o qual se mostrou marcado por estruturas complexas emaranhadas, implícitas e irregulares¹⁷. Também o caderno de notas e o diário de campo foram adotados como instrumentos para registrar impressões, indicações e expressões informais no contexto de interlocução.

OBSERVAÇÕES E REGISTROS SOBRE O TERRITÓRIO DE ESTUDO

A estrada de acesso à Batinga Sul a partir do centro de Brochier “estava esburacada pela grande incidência de chuva dos dias anteriores. As pedras sobressalentes raspavam na parte de baixo do carro e o mato da lateral da estrada a tornava estreita”¹⁸. Assim é o registro de uma das primeiras impressões de entrada em campo, registrada em março de 2019. Os percalços e dificuldades não inibiram a observação acerca do território e suas particularidades, pois era possível observar alterações na paisagem que, de acordo com as narrativas da comunidade local, contavam a história da ocupação humana da região.

Ido Herzer, ao longo desse trajeto, narrava suas memórias acerca da transformação do território: “Antes não havia essas árvores assim tão altas. O pessoal plantava mais citros e outras coisas pra serem consumidas pela família. O mato não tomava conta da estrada assim...”¹⁹, e depois de longo silêncio mencionou: “Fazia tempo que eu não vinha aqui. Está mesmo tudo diferente desde que começaram a produzir

¹⁵ José Augusto Drummond, “A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa”, *Estudos Históricos* 4, 8 (1991): 177–197.

¹⁶ As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. Termos de consentimento foram assinados para a utilização das imagens e informações cedidas. No total foram realizadas sete entrevistas as quais estão vinculadas às famílias: Jung, Fetzner e Herzer que moram na Batinga Sul há várias gerações.

¹⁷ Clifford Geertz, *A Interpretação das Culturas* (Rio de Janeiro: LTC, 1989).

¹⁸ Thais Gaia Schüler, “As Coisas, as Pessoas e o Lugar: Estudo das Memórias da Comunidade de Batinga Sul a Partir de Vestígios Arqueológicos” (Dissertação de mestrado, Universidade Feevale, 2019): trecho do diário de campo, p. 55.

¹⁹ Ido Herzer, entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).

carvão”²⁰. E novamente silenciou, com o olhar atento ao local onde nasceu, em 1966, e morou até o final da década de 1980.

A paisagem local de Batinga Sul é repleta de árvores altas: plantações de eucalipto e acácia dominam um cenário agrícola de final de tarde. O relevo acidentado lembra uma colcha de retalhos: bergamoteiras e laranjeiras dividem espaço com hortaliças e pequenos galpões. Cães e gatos circulam junto às galinhas e, eventualmente, algum espécime de gado bovino. A parte arada exibia pés de milho e aipim cujo plantio estava sendo renovado. A fumaça não estava forte, mas havia um “cheirinho de fogão à lenha”. A vegetação local, originalmente composta pela floresta decidual foi transformada pelas vastas plantações de acácia e eucalipto para a produção de carvão vegetal, iniciada na década de 1980 (figura 1). A silvicultura representa a atividade econômica mais importante da região desde então.

Figura 1. Fornos de carvão em produção.

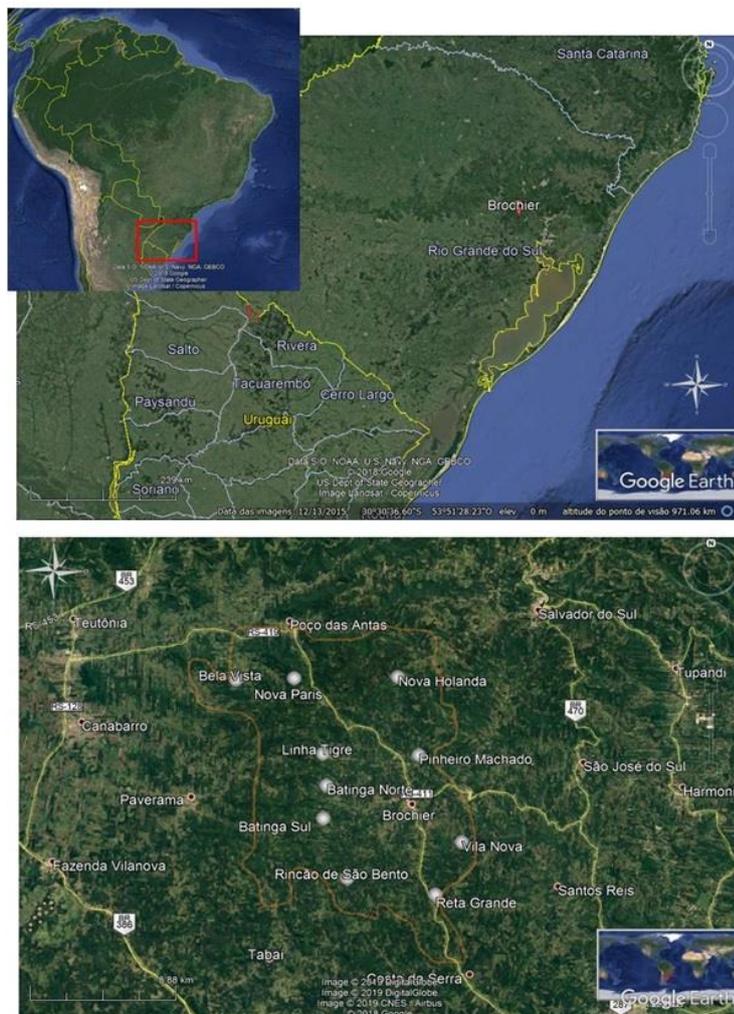


Fonte: as autoras, 2019.

²⁰ *Ibid.*

Em termos geomorfológicos, a Batinga Sul está inserida nos Patamares da Serra Geral, caracterizada por terminais rebaixados. São comuns formações geológicas de arenito botucatu e de basaltos de baixa cristalização²¹. O relevo é acidentado: morros e colinas são integrantes do cenário, e a região é banhada pelo Arroio Santa Cruz, integrando a área entre as Bacias dos Rios Caí e Taquari. Pertence ao município de Brochier e está muito próxima da região de Serra Velha, em Montenegro, e da região do Morro dos Cavalos, em Paverama (mapas 01 e 02).

Mapas 01 e 02. Localização do município de Brochier no contexto do Brasil e do Rio Grande do Sul.



Fonte: as autoras, utilizando Google Maps (2019).

²¹ Walter Mareschi Bissa, Adriana Schimdt Dias e Eduardo Luis Martins Catharino, “Reconstituição Paleoclimática do Vale do Rio Caí, Nordeste do Rio Grande do Sul, com Ênfase nas Ocupações Humanas”, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 19 (2009): 143–154.

O clima subtropical é bastante úmido e tem por principal característica a demarcação de duas estações climáticas bem definidas: uma muito chuvosa e outra bastante seca. Os verões locais são quentes e o inverno, embora seja considerado brando nos estudos climáticos, é acompanhado de geada e umidade, bem como de cerração vigorosa.

PERÍODO PRÉ-COLONIAL

De acordo com a perspectiva de Schama²², diferentes camadas de ocupação humana, como na estratigrafia arqueológica, principiaram diversas matizes e formas de relação humana com o ambiente, principalmente com a floresta. Ainda que o termo “floresta virgem” tenha sido amplamente empregado para referir-se às áreas não ocupadas por europeus na ocasião da colonização do Rio Grande do Sul, é importante destacar que o território sul-rio-grandense já era, há pelo menos doze mil anos, sistematicamente ocupado por grupos indígenas caçadores-coletores e, posteriormente, horticultores.

Sobre o paleoterritório da região da Batinga Sul, os estudos arqueológicos e paleoclimáticos indicam que os primeiros seres humanos chegaram a essa região por volta de onze mil anos atrás, no período correspondente à transição do Pleistoceno para o Holoceno²³. Antes disso, o clima era frio e seco na região, com temperaturas entre 5° e 7° mais baixas que atualmente, havendo predomínio de uma vegetação herbácea e pradarias²⁴. No início do Holoceno, por volta de doze mil anos AP²⁵, o clima teria se estabilizando mais quente e úmido, sem profunda alternância sazonal, gerando um “Ótimo Climático” que favoreceu a expansão da floresta subtropical de mata

²² Simon Schama, *Paisagem e Memória* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

²³ Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Catharina Ribeiro, *Escavações Arqueológicas no Sítio RS-TQ-58 Montenegro, RS* (Rio Grande: Editora da FURG, 1999). Pedro Ignácio Schmitz, *Pré-História do Rio Grande do Sul* (São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, 1991).

²⁴ Adriana Schmidt Dias e Fernanda Neubauer, “Um Estudo Contextual da Organização Tecnológica do Sítio RS-C-61: Adelar Pilger (Rio Grande do Sul, Brasil)”, *Revista de Arqueologia: Cazadores Recolectores del Cono Sur*, 4 (2010): 187–206.

²⁵ Antes do presente.

atlântica²⁶. A partir de então, a região, cujo clima contrastava com o frio do Pampa Argentino e com a seca do Planalto Brasileiro, passou a ser ocupada por grupos com subsistência pautada na caça e na coleta, provenientes da Bacia do Prata²⁷. Os referidos grupos humanos, portadores da chamada tradição tecnológica Umbu, são culturalmente associados a populações pioneiras do extremo meridional da América (tradição Itaparica), cujas datações são anteriores ou mesmo contemporâneas ao Horizonte Clóvis na América do Norte²⁸.

No entorno da Batinga Sul, os grupos caçadores-coletores tinham à sua disposição grande diversificação de flora e fauna no ambiente de entorno, o qual seria formado por um mosaico de associações vegetais e animais, de áreas de florestas e campos. Os grupos humanos desenvolviam, preferencialmente, a captura de tatus, veados, porcos do mato e preás, bem como de lagartos de médio porte, aves e moluscos²⁹.

A subsistência³⁰ de tais populações, entretanto, era fortemente assegurada pela caça de oportunidade de vários tipos de mamíferos terrestres, com pouca incidência de peixes, o que pode estar associado tanto por fatores ambientais e ecológicos, já que os ambientes aquáticos da região apresentam pouca propensão à abundância de espécies, como também por questões culturais relacionadas à preferência alimentar e domínio de tecnologias de captura, que poderiam estar menos desenvolvidas pelas comunidades locais do que a habilidade para a caça de animais terrestres³¹. Tais populações humanas desenvolveram uma indústria lítica caracterizada pela ocorrência

²⁶ Walter Mareschi Bissa, Adriana Schimdt Dias e Eduardo Luis Martins Catharino, "Reconstituição Paleoclimática do Vale do Rio Caí, Nordeste do Rio Grande do Sul, com Ênfase nas Ocupações Humanas", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 19 (2009): 143–154.

²⁷ Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Catharina Ribeiro, *Escavações Arqueológicas no Sítio RS-TQ-58 Montenegro, RS* (Rio Grande: Editora da FURG, 1999). Pedro Ignácio Schmitz, *Pré-História do Rio Grande do Sul* (São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas - UNISINOS, 1991).

²⁸ Lucas Bueno e Adriana Schimdt Dias, "Povoamento Inicial da América do Sul: Contribuições do Contexto Brasileiro", *Estudos Avançados*, 29, 83 (2015): 119–147.

²⁹ André Osório Rosa, "Análise Zooarqueológica do Sítio Garivaldino (RS-TQ-58) Município de Montenegro, RS", *Antropologia - Instituto Anchietao de Pesquisas*, 67 (2009): 133–172.

³⁰ Subsistência é um termo utilizado com frequência na arqueologia para se referir ao sistema de produção das populações pré-coloniais. Relaciona-se ao conjunto de elementos essenciais à manutenção da vida e do sustento de determinado grupo humano. Marcos Rogério Kreutz, "Movimentações de Populações Guarani, Séculos XIII ao XVIII – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul" (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Taquari, 2015).

³¹ André Osório Rosa, "Análise Zooarqueológica do Sítio Garivaldino (RS-TQ-58) Município de Montenegro, RS", *Antropologia - Instituto Anchietao de Pesquisas*, 67 (2009): 133–172.

das pontas de projétil estilo rabo-de-peixe e de artefatos como raspadores, facas e lâminas bifaciais, além de adornos³².

A busca por proteção em abrigos sob-rocha configura-se em uma importante estratégia que garantia a proteção contra os ventos gelados do inverno e propiciava temperaturas mais amenas nos períodos de calor. No sítio Afonso Garivaldino Rodrigues ou RS-TQ-58³³, bem como em outros abrigos da região de entorno³⁴, são encontrados petróglifos³⁵ nos paredões rochosos (figura 02), caracterizados por formas geométricas e linhas que se cruzam, cuja autoria é atribuída aos grupos caçadores-coletores antigos provenientes da Patagônia³⁶.

Figura 2. Petróglifos do Sítio RS-TQ-58.



Fonte: Fonte: as autoras, 2019.

³² Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Catharina Ribeiro, *Escavações Arqueológicas no Sítio RS-TQ-58 Montenegro, RS* (Rio Grande: Editora da FURG, 1999).

³³ Abrigo sob-rocha inserido na região da Batinga Sul, estudado pela equipe do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro na década de 1980 e pela equipe da arqueóloga Adriana Dias em 2007. Apresenta uma das datações de presença humana mais antigas do estado do Rio Grande do Sul.

³⁴ A exemplo dos sítios RS-C-12 Virador I, II e III e RS-C-14 Bom Jardim Velho (São Sebastião do Caí); Macaco Branco (Portão); RS-T-14 Morro do Sobrado, RS-TQ-70 Edmundo Diesel, RS-TQ-71 Adão da Silva, RS-TQ-72 Waldemar Haustein e RS-TQ-54 André Pereira (Montenegro).

³⁵ Gravuras esculpidas em baixo relevo em paredes rochosas de arenito ou basalto, criadas por raspagem ou picoteamento.

³⁶ Pedro Augusto Mentz Ribeiro, "Os Abrigos sob Rocha do Virador no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil", *Revista do CEPA*, 2 (1975): 1–25. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, "Primeiras Datações pelo Método do C-14 para o Vale do Caí, RS", *Revista do CEPA*, 1 (1974): 16–22.

A presença de grupos caçadores-coletores de tradição Umbu na região foi remanescente até por volta de 700 anos AP³⁷. Esta ocupação é marcada por uma plena e duradoura adaptabilidade e interação com ambiente local florestado, distanciando-se mais dos abrigos sob-rocha nos períodos de verão e menos nos períodos de inverno, quando da ocorrência de maiores índices de chuva. A partir dessa constatação, é sugerido que os indivíduos tenham experimentado formas de manejo e manipulação de espécies vegetais, ainda que sem o desenvolvimento da horticultura, inclusive contribuindo no sentido de expansão das áreas florestadas³⁸.

Há aproximadamente dois mil anos, uma segunda leva migratória, então proveniente do Planalto Central brasileiro, trazia ao estado do Rio Grande do Sul comunidades ceramistas e horticultoras de matriz Jê, nomeados por alguns autores como Jês do Sul ou Proto-Jê e são associados, nos estudos etnológicos, aos Kaingang. Essa matriz cultural, tratada como tradição Taquara, ocupou três ambientes distintos no estado: a planície litorânea, próximo a lagoas e restingas; a região do planalto (com campos e araucárias); e a encosta do planalto e os vales florestados, na qual se insere a região de estudo³⁹.

Embora o estudo dos grupos de matriz Jê ganhe destaque pelo sistema de assentamento que desenvolveram nas regiões de maior altitude, marcado por construções que envolviam engenharia de terra como casas subterrâneas e montículos funerários⁴⁰, na região dos vales, como a da Batinga Sul, o padrão de assentamento desses grupos caracterizou-se de forma distinta.

Por volta de 1230 anos AP, a região da Batinga Sul permanecia sendo constituída de um ambiente aberto com vegetação diversificada (floresta e campo), com clima oscilando entre úmido e seco, com chuva em um período e seca em outro⁴¹. Para Ribeiro⁴², os Jê que se radicaram na região passaram a fazê-lo há cerca de 700 anos e

³⁷ *Ibid.*

³⁸ Walter Mareschi Bissa, Adriana Schimdt Dias e Eduardo Luis Martins Catharino, "Reconstituição Paleoclimática do Vale do Rio Cai, Nordeste do Rio Grande do Sul, com Ênfase nas Ocupações Humanas", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 19 (2009): 143–154.

³⁹ Pedro Ignácio Schmitz, *Pré-História do Rio Grande do Sul* (São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, 1991).

⁴⁰ Marcus Vinícius Beber, "O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: O Caso da Tradição Taquara-Itararé" (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004).

⁴¹ Walter Mareschi Bissa, Adriana Schimdt Dias e Eduardo Luis Martins Catharino, "Reconstituição Paleoclimática do Vale do Rio Cai, Nordeste do Rio Grande do Sul, com Ênfase nas Ocupações Humanas", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 19 (2009): 143–154.

⁴² Pedro Augusto Mentz Ribeiro, "Primeiras Datações pelo Método do C-14 para o Vale do Cai, RS", *Revista do CEPA*, 1 (1974): 16–22.

eram de dois grupos distintos: o primeiro, tratado como fase Taquara, teria ocupado áreas de campo, mas também alguns abrigos naturais. Sua tecnologia caracterizou-se pelo desenvolvimento de uma cerâmica decorada, plástica, em formas cônicas ou cilíndricas, acompanhada de material lítico composto por machados lascados e polidos, talhadores, furadores, lâminas e moedores.

O segundo grupo, referenciado como fase Cai⁴³, ocupava abrigos sob-rocha e desenvolveu uma cerâmica simples, com manchas pardas e paredes mal alisadas, em formato cilíndrico ou meia esfera. Seus vestígios líticos abrangem raspadores e lascas e material polido, como machados, mãos-de-pilão e batedores, além de peças de adorno.

A subsistência desses grupos na região teria sido estável e amparada pela horticultura que, mesmo incipiente⁴⁴, estivera muito ligada ao manejo de plantas e completada por práticas de coleta, caça e pesca. Os estudos palinológicos embasam as afirmações da arqueologia na medida em que afirmam a ocorrência de altos índices de carvão, os quais são indicativos de aberturas de clareiras, provavelmente para a implantação de roças⁴⁵. É verificável, por meio dos referidos estudos, o aumento das áreas florestadas no período, o que pode estar relacionado à exploração de atividades intensivas para obtenção de recursos vegetais e animais, concentradas em uma determinada época do ano.

Na ocasião dos contatos com os colonos alemães, os estudos de Ítala Becker⁴⁶ indicam que os grupos Jê eram monogâmicos e mantinham a patrilinearidade como base da organização familiar e social. Formavam aldeias de 20 a 25 famílias que dividiam habitações mais sedentarizadas. A produção de cestos de fibras vegetais era um elemento de importância na cultura, havendo estudos recentes da arqueologia que buscam associá-los à tipologia de produção cerâmica.

⁴³ Determinada por Mentz Ribeiro em 1972 com base nos estudos dos sítios RS-C-14 Bom Jardim Velho, RS-C-15 Toca da Onça e RS-S-362 Vila Diehl.

⁴⁴ Milho, abóbora, feijão e batata doce seriam os principais vegetais cultivados.

⁴⁵ Walter Mareschi Bissa, Adriana Schimdt Dias e Eduardo Luis Martins Catharino, "Reconstituição Paleoclimática do Vale do Rio Cai, Nordeste do Rio Grande do Sul, com Ênfase nas Ocupações Humanas", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 19 (2009): 143–154.

⁴⁶ Ítala Becker, "O Que Sobrou dos Índios Pré-Históricos do Rio Grande do Sul", in *Pré-História do Rio Grande do Sul*, ed. Pedro Ignácio Schmitz (São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, 2006): 125–147.

Desenvolveram uma cosmologia que era centrada na complementariedade e na reciprocidade entre ser humano e natureza, em uma ligação espiritual onde não é possível separar cultura e ambiente⁴⁷. De acordo com Emelí Lappe e Luis Fernando Laroque⁴⁸, os Kaingang estabelecem uma relação aprofundada com a natureza, onde o território é permeado de símbolos e significações. O mito de criação dos Kaingang determina que os gêmeos ancestrais *Kamé* e *Kanhru* foram os responsáveis pelo povoamento da terra com seus descendentes e que criaram todas as plantas e animais, razão pela qual eles têm a cor de terra. Sendo assim, “o próprio etnônimo Kaingang significa povo do mato⁴⁹.”

É muito provável que as áreas de ocupação Jê formassem um território único, delimitado pelas áreas de influência de diferentes líderes formadas de acordo com os cursos dos grandes rios, como o Jacuí, o Sinos, o Taquari-Antas e o Caí. No século XIX, período em que deu-se o contato mais efetivo com os imigrantes europeus, porquanto coincidiram movimentação e circulação dos indivíduos (por motivos de conflito ou na busca de recursos) que então montavam habitações temporárias (“wãre”) em choupanas e taperas de material perecível⁵⁰.

No mesmo período de chegada dos grupos de matriz Jê, há cerca de dois mil anos, a arqueologia atesta que passaram a se firmar no território sul-rio-grandense grupos horticultores de matriz linguística Tupiguarani, provenientes da Amazônia⁵¹. As comunidades portadoras de tal tradição tecnológica teriam se instalado nas regiões do Vale do Caí e do Vale do Taquari há aproximadamente 745 e 1500 anos, respectivamente⁵².

⁴⁷ Kimiye Tommasino e Francisco Silva Noelli, “Homem e Natureza na Ecologia dos Kaingang da Bacia do Tibagi”, in *Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*, org. Kimiye Tommasino, Lúcio Tadeu Mota e Francisco Silva Noelli (Londrina: Eduel, 2004): 147–197.

⁴⁸ Emelí Lappe e Luis Fernando da Silva Laroque, “Indígenas e Natureza: A Reciprocidade entre os Kaingang e a Natureza nas Terras Indígenas Por Fi Gã, Jamã Tÿ Tãnh e Foxá”, *Desenvolvimento e Ambiente* 34 (2015): 147–156.

⁴⁹ *Ibid.*, p.147.

⁵⁰ Luis Fernando da Silva Laroque, “Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808–1889)”, *Pesquisas Antropologia*, 56 (2000).

⁵¹ As sociedades Tupiguarani distinguem-se em dois grupos, considerando diferenças relacionadas à língua, tecnologia e sistemas ecológicos. O ramo falante do Tupi dispersou-se por terras de clima mais quente, do Rio Paranapanema para o norte ao longo da costa leste brasileira, enquanto que o ramo falante da língua Guaraní inseriu-se em zonas mais frias, como o Paraguai, o nordeste da Argentina e o sul do Brasil.

⁵² Fernanda Schneider, et al., “Assentamentos Humanos Pré-Coloniais e Pesquisas Arqueológicas: Configurações Ambientais”, in *História Ambiental do Rio Grande do Sul*, org. Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadros Rückert e Neli Galarce Machado (Lajeado: Univates, 2014): 183–202.

Segundo Kreutz⁵³ “o Guarani é um povo colonizador” que desenvolvia uma estreita ligação com o espaço que habitava. Prezando por seus hábitos culturais, inseriam-se em regiões em que pudessem exercê-los, preferindo regiões florestadas. Como exímios cultivadores e manejadores da floresta, buscavam assentamento nas várzeas férteis apropriadas ao desenvolvimento da agricultura⁵⁴. Desenvolviam roças e hortas abertas em meio à floresta por meio de queimadas⁵⁵ e se utilizavam da pesca, da caça e da coleta como importantes formas de complementação à subsistência. Abriam clareiras, utilizavam plantas medicinais, coletavam mel, cultivavam pomares. Os estudos dos sítios arqueológicos de tradição Guarani da região do Vale do Taquari indicam que, apesar das comunidades anteriores terem praticado o manejo de plantas na região, os Guarani são os efetivos responsáveis pela inserção de práticas agrícolas⁵⁶. Transportavam e inseriam um “pacote básico” com suas plantas úteis na maioria das regiões que conquistaram, sendo-lhes atribuída a introdução de muitas espécies exóticas na paisagem sul-rio-grandense.⁵⁷

Os grupos Guarani viviam em aldeamentos de casas coletivas em clareiras na floresta, chamadas de *Tekoá*, compostas por três espaços distintos: a vegetação circundante, as roças e a aldeia. Exerciam um sistema de circulação entre aldeias que eram ligadas por caminhos, expandindo seu território de maneira radial⁵⁸ a partir de redes sociais extensas, guerras, alianças políticas e relações de parentescos, em busca de novas áreas de plantio e de novos recursos para manutenção do modo de ser Guarani⁵⁹.

O estabelecimento de grupos teuto-brasileiros na região agiu significativamente sobre as populações indígenas locais, levando estas comunidades a migrarem para outras regiões⁶⁰. Ainda que os grupos indígenas tenham alterado a

⁵³ Marcos Rogério Kreutz, “Movimentações de Populações Guarani, Séculos XIII ao XVIII – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul” (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Taquari, 2015), p. 53.

⁵⁴ Fernanda Schneider, et al., “Assentamentos Humanos Pré-Coloniais e Pesquisas Arqueológicas: Configurações Ambientais”, in *História Ambiental do Rio Grande do Sul*, org. Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadros Rückert e Neli Galarce Machado (Lajeado: Univates, 2014): 183–202.

⁵⁵ Técnica conhecida como coivara.

⁵⁶ Fernanda Schneider, et al., “Assentamentos Humanos Pré-Coloniais e Pesquisas Arqueológicas: Configurações Ambientais”, in *História Ambiental do Rio Grande do Sul*, org. Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadros Rückert e Neli Galarce Machado (Lajeado: Univates, 2014): 183–202.

⁵⁷ Francisco Silva Noelli, “A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, Debates e Perspectivas 1872-2000”, *Revista USP*, 44 (2000): 218–269.

⁵⁸ Conceito chamado “enxameamento”.

⁵⁹ Rafael Guedes Milheira, “Os Guarani e Seus Artefatos Líticos: Um Estudo Tecnológico no Sul do Brasil”, *Revista Museu Arqueológico e Etnográfico* 21 (2011): 129–152.

⁶⁰ *Ibid.*

paisagem de maneira menos evidente e, quiçá, mais sustentável, é importante considerar que estes “eram culturalmente ativos na ocupação do território e na utilização dos recursos por meio de intervenções e do emprego de técnicas (...) e que certamente modificavam o seu entorno natural com suas atividades”⁶¹.

As dinâmicas de alteração da paisagem, portanto, não são práticas unicamente relacionadas à colonização europeia, embora, conforme tratado a seguir, a maneira e a intensidade com que o farão sejam percebidas mais acentuadamente.

O PERÍODO COLONIZATÓRIO

Desde o século XVI, a região do Vale do Caí contava com o trânsito de portugueses e de espanhóis⁶². De maneira mais efetiva, a presença espanhola missionária jesuítica, a partir do século XVI aparece nos registros primários das Cartas Anuais e dos relatos eclesiásticos⁶³. A colonização das terras do município de Montenegro (da qual Brochier é emancipado) ocorrera por volta de 1730, com a propagação das estâncias. No século XVIII, áreas como Serra Velha, vizinha da Batinga Sul, estavam habitadas por sesmeiros como forma de garantia de posse de terras pela Coroa Portuguesa⁶⁴.

A historiografia sobre a área estudada trata como início efetivo de ocupação europeia das terras do atual município de Brochier o ano de 1832, com o estabelecimento de dois irmãos de origem francesa: Augusto⁶⁵ e João Honório⁶⁶ Brochier. Provenientes de Marselha, na França, eles teriam desembarcado no Porto das Laranjeiras (atual Cais do Porto de Montenegro) e adentrado cerca de 25km na mata

⁶¹ Regina Horta Duarte, *História & Natureza* (Belo Horizonte: Autêntica, 2013), p. 40.

⁶² Lisiane da Motta, “Patrimônio Arqueológico de Montenegro/RS: Dialogando com a Arqueologia e o Compromisso Social” (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011).

⁶³ Adriana Schmidt Dias, *Relatório Final do Projeto Arqueológico do Vale do Caí* (Porto Alegre: IPHAN, 2009), disponível somente para consulta local.

⁶⁴ Lisiane da Motta, “Patrimônio Arqueológico de Montenegro/RS: Dialogando com a Arqueologia e o Compromisso Social” (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011).

⁶⁵ Nascido em 27 de janeiro de 1814 e falecido em 04 de novembro de 1887, segundo dados que constam na lápide de sepultamento.

⁶⁶ Em francês, Jean Honoré, nascido em 1º de maio de 1804 e falecido em 04 de maio de 1887. A grafia “Brochier” também se constitui como uma naturalização, sendo “Brouchier” a grafia francesa original. Ildo Oscar Fauth, “Brochier: 5º Distrito de Montenegro”, *Montenegro de Ontem e de Hoje*, 3, coord. Maria Eunice Müller Kautzmann, (São Leopoldo: Rotermond, 1985): 311–346.

nativa para se fixarem às margens de um arroio que nos anos seguintes seria denominado de Arroio dos Franceses (atual Arroio Brochier).

Sobre o período compreendido entre a vinda dos irmãos Brochier e o início da colonização teuto-brasileira conta-se com estudos desenvolvidos por historiadores, memorialistas e jornalistas, a exemplo, respectivamente, de Victor Hugo Garaeis⁶⁷, Lisiane da Motta⁶⁸, Ana Maria Vargas⁶⁹; Ildo Oscar Fauth⁷⁰; e Egon Hilário Musskopf⁷¹ e Germano Henke⁷². Muitas das informações aqui apresentadas foram encontradas no acervo da Biblioteca Municipal de Brochier, em monografias e anotações como as páginas avulsas da pesquisa “Subsídios para a História de Paverama”, do Pe. Alberto Träsel⁷³, de 1966, nunca publicada.

De acordo com o conjunto de fontes, Augusto e João Honório Brochier, provenientes de La Calle, na Argélia, partiram de Draguignan (França) para Marselha (França) rumo ao Peru, em 1828, desembarcando em Montevideu (Uruguai) em julho de 1829. A chegada a Porto Alegre teria ocorrido em 1829, onde teriam permanecido até a compra de terras na localidade de Arroio do Páu, atual Município de Taquari, fundando um engenho de serra. As terras em questão teriam sido permutadas por uma grande sesmaria na região de Brochier, criando a fazenda Brochier.

Os irmãos Brochier teriam se instalado, quando provenientes da região de Taquari, em uma área de terras na atual região de Serra Velha (município de Tabai) com fins extrativistas. Trabalhavam a exploração madeireira de espécies como a Batinga, Cabriúva, Louro, Cangerana, Cedro, Pinheiro, Grapiapunha, Timbaúva e Canela Preta. As práticas madeireiras iniciadas por eles estenderam-se ao longo das décadas seguintes, sendo desenvolvidas até o presente (figura 03).

⁶⁷ Vitor Hugo Garaeis, “Brochier: Os Fragmentos de Memórias e Identidades da Colonização Francesa no Rio Grande do Sul”, *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 38 (2008): 59–68.

⁶⁸ Lisiane da Motta, “Patrimônio Arqueológico de Montenegro/RS: Dialogando com a Arqueologia e o Compromisso Social” (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011).

⁶⁹ Ana Maria Vargas, “A Família Lermen” (Monografia de graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1989).

⁷⁰ Ildo Oscar Fauth, “Brochier: 5º Distrito de Montenegro”, *Montenegro de Ontem e de Hoje*, 3, coord. Maria Eunice Müller Kautzmann, (São Leopoldo: Rotermund, 1985): 311–346.

⁷¹ Egon Hilário Musskopf, *Brochier Maior a Gente Que Faz* (Novo Hamburgo: Editora Echo, 1995).

⁷² Germano Henke, “A Colonização de Brochier”, *Jornal O Progresso* (19 de fevereiro de 1977).

⁷³ Segundo pároco do município vizinho de Paverama, falecido em 1974.

Figura 03. Extrativismo madeireiro em Brochier no início do século XX.



Fonte: Musskopf, Egon Hilario, “Brochier no começo do Século”, in Informe Especial sobre Brochier do Maratá (Novo Hamburgo: Editora Echo, 1990): p. 04.

As fontes sugerem que estes franceses desenvolviam suas atividades extrativistas empregando mão-de-obra indígena e utilizando o curso dos arroios para conduzir as toras de madeira até a serraria e dali, também via fluvial, à Cascata do

Maratá, sendo o trajeto até Porto Alegre realizado com carreta de boi⁷⁴. Teriam se estabelecido, inicialmente, entre as localidades de Bom Jardim e Batinga, em choças de pau-a-pique, posteriormente, construindo suas residências permanentes em madeira de pinheiro, em uma área que hoje corresponde ao centro do município.

Ao fazer referência ao período entre as décadas de 1830 e 1860 na região de Brochier, opta-se por falar em ocupação e não em colonização europeia, já que o conceito de colonização sugere muitos significados. Segundo Alfredo Bosi⁷⁵, o conceito de colonização não pode ser compreendido senão relacionado à dialética de três instâncias: de colônia, relacionada ao espaço em si, mas muito mais ao do trabalho do colono no cultivo da terra; de culto, ligada à combinação da fé e de um sistema de cunho religioso que opere sobre o terceiro; de cultura, relacionada à formação de uma representação reguladora das práticas sociais no novo espaço que permita o compartilhamento de uma sensação de unidade cultural. Para Kreutz⁷⁶, a discussão sobre colonização perpassa, ainda, pela ação de imposição: pressupõe o domínio institucionalizado, a injunção de hábitos, costumes ou de uma suposta superioridade de um grupo sobre o outro.

Assim, se considerarmos que um processo de colonização envolve (a) o cultivo da terra, (b) a marcação de um sistema religioso, (c) a existência de padrões sociais reguladores e (d) a imposição de práticas culturais sobre outro grupo, o período anterior à ocupação pelos colonos teuto-brasileiros da região não pode ser efetivamente considerado colonização.

No que concerne à colonização alemã, o processo de instauração de famílias na região de entorno do atual município de Brochier ocorreu a partir da década de 1850⁷⁷ por meio da expansão das colônias da região do Vale do Rio dos Sinos⁷⁸.

O incentivo à imigração alemã, no Brasil, está relacionada a um projeto de povoamento empreendido pelo Estado Nacional Brasileiro no século XIX que visava a

⁷⁴ Alberto Träsel, *Subsídios para a História de Paverama* (Paverama: sem publicação, 1966), sem indicação de página.

⁷⁵ Alfredo Bosi, *Dialética da Colonização* (São Paulo: Companhia das letras, 1992)

⁷⁶ Marcos Rogério Kreutz, "Movimentações de Populações Guarani, Séculos XIII ao XVIII – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul" (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Taquari, 2015).

⁷⁷ Na datação fornecida por Garaeis. A datação torna-se variável de acordo com o autor. 1866 na concepção de Musskopf.

⁷⁸ A colonização alemã do estado do Rio Grande do Sul tem por marco inicial a chegada de 43 imigrantes provenientes do noroeste da Alemanha na antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo, atual município de São Leopoldo, no Vale dos Sinos, em 25 de julho de 1824.

garantia do território. Particularmente, na região de fronteira sul do país, a colonização intencionava a formação de um exército capaz de garantir a hegemonia do Império.

No início do século XVIII, enquanto a maior parte do Brasil apresentava uma urbanização incipiente, os territórios do sul permaneciam amplamente desocupados. Como estratégia de ocupação, incentivou-se a imigração de casais açorianos e a formação de novas freguesias, projeto esse que mantinha forte ligação com práticas escravagistas e que acabou por não surtir os resultados esperados.

No Rio Grande do Sul do século XIX, a imigração alemã se desenvolveu, segundo Jean Roche⁷⁹, ligada à necessidade de ocupação e defesa territorial das áreas localizadas nas regiões de relevo mais acidentado, especialmente nos vales, já que a elite fundiária, cuja base econômica era a pecuária, estava se apropriando da região da Campanha⁸⁰. Esse novo modelo de ocupação de terras devolutas era centrado na exploração de pequena propriedade⁸¹ e no uso do trabalho familiar e livre, ainda que o fortalecimento do recém-criado Império Brasileiro (1822) estivesse intimamente ligado, nas áreas mais ao norte, ao latifúndio, à monocultura, ao escravismo e ao fortalecimento de uma elite proprietária. Há de se considerar, ainda, a natureza racial do projeto, que incentivava um branqueamento populacional, preterindo a figura do negro e do indígena.

Este processo migratório foi marcado por dois momentos principais⁸²: o primeiro, relacionado à ocupação do Vale do Rio dos Sinos entre os anos de 1824 a 1844, se caracterizou pela organização administrativa imperial. O segundo, empreendido após a Revolta Farroupilha⁸³ até a década de 1860, foi desenvolvido pelo incentivo à colonização privada e pelo envolvimento do Governo da Província do Rio Grande do Sul, garantida pela Lei de Terras de 1850. Em tal momento, os colonos teuto-brasileiros

⁷⁹ Jean Roche, *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul* (Porto Alegre: Editora Globo, 1969).

⁸⁰ Juliana Bublitz, "Forasteiros na Floresta Subtropical: Notas para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul", *Ambiente & Sociedade* XI, 2 (2008): 323–340.

⁸¹ O conceito de pequena propriedade ou de "uma colônia" foi variável ao longo dos anos de imigração: em 1824, ocasião da chegada da primeira leva de alemães, correspondia a 75 hectares de terra, mudando para 50 hectares em 1850 e para 25 hectares em 1870. Martin Norberto Dreher, *Os 180 Anos da Imigração Alemã. História, Cultura e Memória: 180 Anos de Imigração Alemã* (São Leopoldo: Oikos, 2005).

⁸² Jean Roche, *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul* (Porto Alegre: Editora Globo, 1969).

⁸³ A Revolta Farroupilha foi um movimento republicano contra o governo imperial iniciado no Rio Grande do Sul em 1835 e estendido até 1845, caracterizando a mais longa das revoltas brasileiras. eclode entre a elite fundiária em decorrência do aumento da tributação do charque que representava o principal produto econômico da região, amplamente vendido à região sudeste do país. Sandra Pesavento, "Farrapos, Liberalismo e Ideologia". *A Revolução Farroupilha: História e Interpretação*, Décio Freitas, et al. (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985).

passaram a ocupar gradualmente terras equivalentes às que hoje constituem os municípios de Salvador do Sul, São Pedro do Sul e Maratá, vizinhos de Brochier.

De acordo com Musskopf⁸⁴, o ano de 1866, com a chegada da família de Jakob Augustin, é considerado o ano base de início da colonização de origem alemã na região de Brochier. Provenientes da colônia de *Teewald*, equivalente à atual Linha Herval (município de Dois Irmãos), a família Augustin se instalou na região correspondente à localidade de Pinheiro Machado (então chamada de *Neu Frankreich*, Nova França). Nos anos seguintes, por meio de uma colonização privada das terras que faziam parte da Fazenda Brochier, outras famílias vieram, resultando no desenvolvimento de várias localidades que circundam o que hoje é a área central do município⁸⁵.

Por volta do ano de 1870⁸⁶, as comunidades teuto-brasileiras procedentes das colônias do Vale dos Sinos começam a se instalar na região da Batinga Sul. Na ocasião, a área se chamava, de acordo com a Família Herzer, “Dois Irmãos na Fazenda dos Brochier”. As relações constituídas pelos colonos de origem alemã com a floresta nativa são importantes para a compreensão dos modelos de assentamento adotados por tais famílias na constituição de seus núcleos de povoamento. Quando chegavam à região dos vales sul-rio-grandenses, os imigrantes alemães deparavam-se com a realidade de uma imensa mata: a *Urwald*, a “floresta virgem”, com cedros, cabriúvas, angicos e canafístulas, dentre outros milhares de espécies, em meio a emaranhados de cipós e trepadeiras⁸⁷. A maioria desses imigrantes eram oriundos de áreas há muito tempo antropizadas e que mantinham profissões que pouco ou nada tinham a ver com as práticas agrícolas.

A dinâmica econômica e de ocupação territorial empregada pela colonização alemã tinha por base a pequena propriedade, a policultura e o trabalho familiar, e estava ligada à relação que estabeleciam com a capital Porto Alegre, largamente utilizando vias

⁸⁴ Egon Hilário Musskopf, *Brochier Maior a Gente Que Faz* (Novo Hamburgo: Editora Echo, 1995).

⁸⁵ Vitor Hugo Garais, “Brochier: Os Fragmentos de Memórias e Identidades da Colonização Francesa no Rio Grande do Sul”, *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 38 (2008): 59–68.

⁸⁶ Datação estimada com base na fundação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana na localidade (1890) na antiguidade dos túmulos do cemitério local (1880), na fundação da Sociedade de Canto (1986) e nos depoimentos orais coletados.

⁸⁷ Juliana Bublitz, “Forasteiros na Floresta Subtropical: Notas para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul”, *Ambiente & Sociedade* XI, 2 (2008): 323–340.

fluviais⁸⁸. Das estratégias adotadas pelos colonizadores para a adequação do território natural, a abertura de picadas era uma das primeiras investidas. Tratava-se de vias descampadas abertas pelos colonos ao longo das quais as famílias iam se instalando e que funcionavam como caminho de ligação entre os lotes de terra⁸⁹. A derrubada de árvores de grande porte e a queima controlada de parte da vegetação (ensinada pelos diretores e inspetores coloniais, apropriada dos conhecimentos dos indígenas locais), também eram empregadas⁹⁰. A região que hoje corresponde à Batinga Sul foi, no início da ocupação teuto-brasileira, conhecida como *Neupikade* ou *Neu Picad* (Picada Nova), recebendo o nome de uma árvore comum no local (Batinga) na década de 1940.

As alterações ambientais eram compreendidas, neste processo colonizatório do Rio Grande do Sul, como sinônimo de “progresso”, pois permitiram alojar os imigrantes, alimentar as famílias de colonos e produzir excedentes para o mercado regional⁹¹. A constituição de uma “fronteira verde”⁹², marcando o limite entre a paisagem antropizada e a mata nativa, é percebida, também nas colônias de segunda geração que se consolidaram na região da atual Batinga Sul (figura 04).

⁸⁸ Martin Norberto Dreher, *Os 180 Anos da Imigração Alemã. História, Cultura e Memória: 180 Anos de Imigração Alemã* (São Leopoldo: Oikos, 2005).

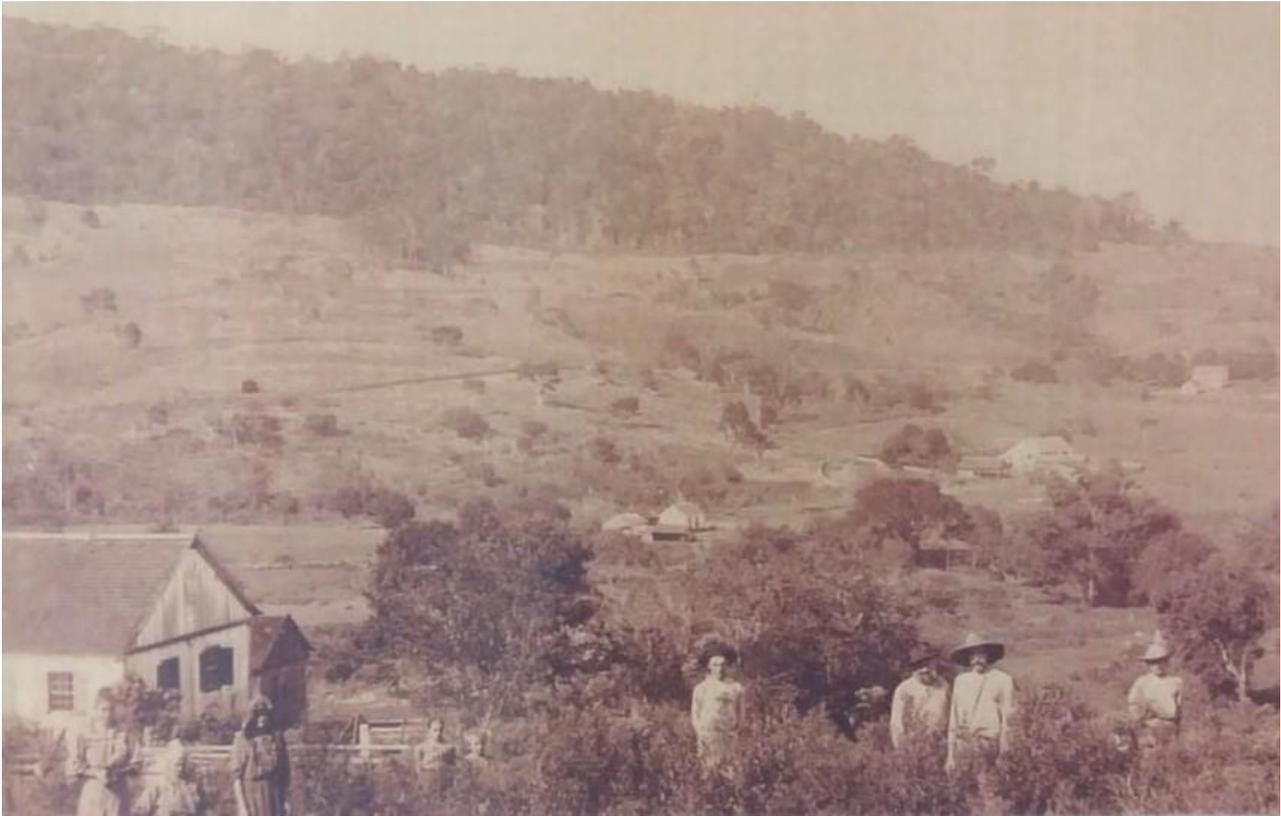
⁸⁹ *Ibid.*

⁹⁰ Juliana Bublitz, “Forasteiros na Floresta Subtropical: Notas para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul”, *Ambiente & Sociedade* XI, 2 (2008): 323–340.

⁹¹ Marcos Gerhardt, “História Ambiental, Colonização e Genealogia”, *História: Debates e Tendências* 14, 1 (2014): 124–140.

⁹² Juliana Bublitz, “Os Significados da Floresta: Elementos para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul”, *História Ambiental do Rio Grande do Sul*, org. Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadros Rückert e Neli Galarce Machado (Lajeado: Univates, 2014): 83–100.

Figura 04. Propriedade na Batinga Sul na primeira metade do século XX.



Fonte: acervo privado da Família Laux.

Esse processo constitui-se como um período imemorial em termos individuais para os atuais moradores locais, mas se perpetua na memória coletiva pela transmissão geracional. É necessário salientar que instituições de importância na transmissão de memórias coletivas foram criadas tão logo as primeiras famílias teuto-brasileiras se estabeleceram na Batinga Sul, a exemplo da Sociedade de Canto *Einheit*, em 1886; da Comunidade de Confissão Luterana que construiu seu templo em 1890 e da escola que precedeu a própria construção do educandário Jorge Felipe Allenbrandt, em 1935, pois as aulas eram ministradas na residência dos professores.

A policultura voltada à subsistência familiar com venda do excedente foi característica essencial da Batinga Sul até a década de 1970, aproximadamente, período de ocorrência da crise do tradicional sistema produtivo colonial. Desenvolvida no minifúndio e com base na agricultura familiar, representa um período de ápice e harmonia na fala dos interlocutores:

A gente produzia porco, leite, galinha e a roça era...plantação primeiro não tinha, né? Entrou mais tarde. Nós plantava feijão, abóbora no meio dos milho, e tratava os porco e tudo, mas aquilo não era criação que nem hoje, os porco...leitão tinha que ter um ano e pouco pra poder cortar e aí, depois, mais tarde...ah, e plantava feijão! Feijão, naquela época, isso valia dinheiro. Os vizinhos, quando nós tinha uns 13 pra 14 anos nos deram umas terra pra plantar feijão...ixi. Pagava toda nossa despesa nos bailes...⁹³

De repente, o interlocutor mudou sua expressão: “Daí se terminou, né? E entrou a soja... um dos primeiros plantador foi o pai dela”⁹⁴, referindo-se à sua esposa, Lori. Ela o interpelou, como que se justificasse “Sim, mas era pra tratar dos porco!”⁹⁵. “Mas daí ganhou valor por causa do óleo e o sogro fez negócio... tu ganhava dois sacos de farelo por um de soja....daí mudou tudo!”⁹⁶, retrucou o marido.

A silvicultura local, baseada na exploração da acácia-negra na região, remonta à década de 1980, precisamente em 1982, segundo o depoimento de João Fetzner. Desenvolveu-se como alternativa econômica ao insucesso da introdução da soja e à fundação de empresas de fabricação de tanino para o curtimento de couros em Montenegro e região a partir da década de 1940.

A introdução da acácia-negra na região de Montenegro e entorno ocorreu na década de 1930 por iniciativa de Júlio Carlos Lohmann, agricultor do município de Estrela, que importara sementes da África do Sul em um período em que o ciclo dessa se iniciava no estado do Rio Grande do Sul⁹⁷. A casca da árvore é a base para a extração de tanino e a madeira é utilizada na produção de lenha e carvão vegetal. A plantação de acácia-negra e eucalipto ocupa mais de um terço do atual território de Brochier.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como tudo que diz respeito à existência humana, a forma como uma comunidade se relaciona com o ambiente que ocupa e as marcas que deixa na paisagem

⁹³ Rudy Jung, entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ Lori Jung, entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).

⁹⁶ Rudy Jung, entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).

⁹⁷ Maria Eunice Müller Kautzmann, coord., *Montenegro Ontem & Hoje*, 2 (São Leopoldo: Rotermond, 1982).

têm origem em traços culturais historicamente constituídos. A natureza é por si só um objeto cultural: é fruto dos usos, das apropriações e das representações simbólicas que os sujeitos fazem dela quando moldam um lugar.

A Batinga Sul é uma região rural inserida na divisa entre os Vales do Caí e Taquari, no Rio Grande do Sul. Seu território vem sendo ocupado sucessivamente há, pelo menos, 10 mil anos antes do presente, por um constante movimento de antropismo marcado de renovação, pelo reajuste e pela transformação na relação sociedade-natureza mediada, principalmente, pela determinação das técnicas usadas sobre o espaço. Sua paisagem é, assim, resultado de um processo histórico e cultural.

A ocupação caçadora-coletora local encontrou possibilidade na transição do Pleistoceno para o Holoceno, período em que a paisagem era marcada pela vegetação herbácea e pradarias que, com o gradativo aumento da temperatura e da umidade, favoreceu o desenvolvimento de uma floresta subtropical e de campos. Nessa floresta, comunidades associadas à tradição tecnológica Umbu, provenientes da Bacia do Prata, inseriram-se no ambiente natural compondo uma subsistência baseada na caça e na coleta, utilizando-se da grande diversificação de flora e fauna. Tais grupos utilizavam formações naturais como abrigo e deixaram gravados nas paredes de uma caverna local, traços de sua existência, bem como vestígios líticos e restos de alimentação.

A partir de cerca de 700 anos atrás, passaram a se estabelecer por ali sociedades ligadas aos antecedentes de grupos indígenas Kaingang e Guarani que desenvolviam uma cosmologia que tinha por base a reciprocidade com a terra e os recursos naturais. Desenvolvendo as primeiras formas de manejo de plantas e abertura de roças, teriam sido responsáveis pelo aumento da área florestada, além de serem portadoras de conhecimentos cerâmicos e desenvolverem técnicas de preservação de alimentos.

A colonização europeia foi precedida pela circulação de portugueses e jesuítas espanhóis a partir do século XVI. Na década de 30 do século XIX, a chegada de dois irmãos de origem francesa, os Brochiers, marca o início da ocupação europeia, que teve por base o extrativismo madeireiro de espécies como a Batinga, Cabriúva, Louro, Cangerana, Cedro, Pinheiro, Grapiunha, Timbaúva e Canela Preta.

Quando os irmãos e sua família iniciam a venda de lotes de terras a colonos teuto-brasileiros provenientes das colônias de primeira geração do Vale do Sinos, a partir de 1860, aproximadamente, temos o efetivo início da colonização do que hoje corresponde ao município de Brochier e, alguns anos mais tarde, da região da Batinga Sul. A relação que os colonos de origem alemã desenvolveram com a floresta nativa e os recursos naturais geraram alterações mais evidentes na paisagem local.

Provenientes de áreas há muito antropizadas na Alemanha e incentivados pela política do período, o desmatamento funcionava como uma premissa ao desenvolvimento do progresso e da civilização. A abertura de picadas, a derrubada de árvores de grande porte e a queima controlada para abertura de campos de cultivo em alta escala eram algumas das técnicas empregadas no domínio do território. A memória desse processo foi garantida e remanesce, na região, pela articulação de instituições de transmissão de memórias coletivas, como a escola, a igreja e o grupo de canto.

A partir da década de 1960, ainda que a comunidade da Batinga Sul vivenciasse um modelo cultural autorrepresentado pela identidade teuto-brasileira e mantivesse um sistema agrícola baseado na policultura familiar, o cenário econômico infligiu a necessidade de novas mudanças na relação da sociedade com o ambiente. A paisagem foi novamente alterada pela criação de vastas plantações de soja que faliram em pouco mais de dez anos. Daí em diante, e como remanescente nos tempos contemporâneos, a silvicultura, baseada na plantação de acácia-negra e eucalipto, domina a paisagem local: fornos de carvão e árvores altas compõem o cenário da Batinga Sul. Dessa forma, os diferentes grupos humanos que por ali circularam articularam por meio de seus sistemas culturais, a paisagem desse território.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio recebido para o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Beber, Marcus Vinícius. “O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: O Caso da Tradição Taquara-Itararé”. Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.
- Becker, Ítala. “O Que Sobrou dos Índios Pré-Históricos do Rio Grande do Sul”. In *Pré-História do Rio Grande do Sul*, editado por Pedro Ignácio Schmitz, 125–147. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas - UNISINOS, 2006.
- Bissa, Walter Mareschi, Adriana Schimdt Dias e Eduardo Luis Martins Catharino. “Reconstituição Paleoclimática do Vale do Rio Caí, Nordeste do Rio Grande do Sul, com Ênfase nas Ocupações Humanas”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 19 (2009): 143–154.
- Bosi, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Bublitz, Juliana. “Forasteiros na Floresta Subtropical: Notas para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul”. *Ambiente & Sociedade* XI, 2 (2008): 323–340.
- . “Os Significados da Floresta: Elementos para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. In *História Ambiental do Rio Grande do Sul*, organizado por Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadros Rückert e Neli Galarce Machado, 83–100. Lajeado: Univates, 2014.
- Bueno, Lucas & Adriana Schmidt Dias. “Povoamento Inicial da América do Sul: Contribuições do Contexto Brasileiro”. *Estudos Avançados* 29, 83 (2015): 119–147.
- Dias, Adriana Schmidt. *Relatório Final do Projeto Arqueológico do Vale do Caí*. Porto Alegre: IPHAN, 2009. Disponível somente para consulta local.
- e Fernanda Neubauer. “Um Estudo Contextual da Organização Tecnológica do Sítio RS-C-61: Adelar Pilger (Rio Grande do Sul, Brasil)”. *Revista de Arqueología: Cazadores Recolectores del Cono Sur* 4 (2010): 187–206.
- Dreher, Martin Norberto. *Os 180 Anos da Imigração Alemã. História, Cultura e Memória: 180 Anos de Imigração Alemã*. São Leopoldo: Oikos, 2005.
- Duarte, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- Drummond, José Augusto. “A História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa”. *Estudos Históricos* 4, 8 (1991): 177–197.
- Fauth, Ildo Oscar. “Brochier: 5º Distrito de Montenegro”, *Montenegro de Ontem e de Hoje* 3, coordenação de Maria Eunice Müller Kautzmann, 311–346. São Leopoldo: Rotermund, 1985.

- Fetzner, Ivani. Entrevista concedida às autoras, abril de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Fetzner, João. Entrevista concedida às autoras, abril de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Fetzner, Paulo Ricardo. Entrevista concedida às autoras, abril de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Garais, Vitor Hugo, “Brochier: Os Fragmentos de Memórias e Identidades da Colonização Francesa no Rio Grande do Sul”. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* 38 (2008): 59–68.
- Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- Gerhardt, Marcos. “História Ambiental, Colonização e Genealogia”. *História: Debates e Tendências* 14, 1 (2014): 124–140.
- Henke, Germano. “A Colonização de Brochier”. *Jornal O Progresso* (19 de fevereiro de 1977).
- Herzer, Ido. Entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Herzer, Ilério. Entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Herzer, Irineu. Entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Jung, Lori. Entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Jung, Rudy. Entrevista concedida às autoras, março de 2019, Batinga Sul, Brochier, RS (gravação digital e transcrição em posse das autoras).
- Kautzmann, Maria Eunice Müller (coord.). *Montenegro Ontem & Hoje* 2. São Leopoldo: Rotermond, 1982.
- Kreutz, Marcos Rogério, “Movimentações de Populações Guarani, Séculos XIII ao XVIII – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul”. Tese de doutorado, Universidade do Vale do Taquari, 2015.
- Lappe, Emelí e Luís Fernando da Silva Laroque. “Indígenas e Natureza: A Reciprocidade entre os Kaingang e a Natureza nas Terras Indígenas Por Fi Gâ, Jamã Tÿ Tãnh e Foxá”. *Desenvolvimento e Ambiente* 34 (2015): 147–156.
- Laroque, Luís Fernando da Silva. “Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808–1889)”. *Pesquisas Antropologia* 56 (2000).

Milheira, Rafael Guedes. “Os Guarani e Seus Artefatos Líticos: Um Estudo Tecnológico no Sul do Brasil”. *Revista Museu Arqueológico e Etnográfico* 21 (2011): 129–152.

Motta, Lisiane da. “Patrimônio Arqueológico de Montenegro/RS: Dialogando com a Arqueologia e o Compromisso Social”. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

Musskopf, Egon Hilário. *Brochier Maior a Gente Que Faz*. Novo Hamburgo: Editora Echo, 1995.

---. “Brochier no começo do Século”. Informe Especial sobre Brochier do Maratá. Novo Hamburgo: Editora Echo, 1990.

Neto, Helena Brum. “Os Territórios da Imigração Alemã e Italiana do Rio Grande do Sul”. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2012.

Noelli, Francisco Silva. “A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, Debates e Perspectivas 1872–2000”. *Revista USP* 44 (2000): 218–269.

Pádua, José Augusto. “As Bases Teóricas da História Ambiental”. *Estudos Avançados* 24, 68 (2010): 81–101.

Pesavento, Sandra. “Farrapos, Liberalismo e Ideologia”. In *A Revolução Farroupilha: História e Interpretação*. Décio Freitas, Helga I. Landgraf Piccolo, José Hildebrando Dacanal, Margaret Marchiori Bakos, Sandra Pesavento e Spencer Leitman. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Ribeiro, Pedro Augusto Mentz. “Os Abrigos sob Rocha do Virador no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil”. *Revista do CEPA* 2 (1975): 1–25.

---. “Primeiras Datações pelo Método do C-14 para o Vale do Caí, RS”. *Revista do CEPA* 1 (1974): 16–22.

--- e Catharina Ribeiro. *Escavações Arqueológicas no Sítio RS-TQ-58 Montenegro, RS*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

Roche, Jean, *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

Rosa, André Osório. “Análise Zooarqueológica do Sítio Garivaldino (RS-TQ-58) Município de Montenegro, RS”. *Antropologia - Instituto Anchietao de Pesquisas* 67, (2009): 133–172.

Schama, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Schmitz, Pedro Ignácio. *Pré-História do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas - UNISINOS, 1991.

Schneider, Fernanda, Sidnei Wolf, Marcos Rogério Kreutz e Neli Teresinha Galarce Machado. “Assentamentos Humanos Pré-Coloniais e Pesquisas Arqueológicas: Configurações Ambientais”. In *História Ambiental do Rio Grande do Sul*, organizado por Elenita Malta Pereira, Fabiano Quadros Rückert e Neli Galarce Machado, 183–202. Lajeado: Univates, 2014.

Schüler, Thais Gaia. “As coisas, as pessoas e o lugar: estudo das memórias da comunidade de Batinga Sul a partir de vestígios arqueológicos” (Mestrado, diss., Universidade Feevale, 2019).

Tommasino, Kimiye e Francisco Silva Noelli. “Homem e Natureza na Ecologia dos Kaingang da Bacia do Tibagi”. In *Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*, organizado por Kimiye Tommasino, Lúcio Tadeu Mota e Francisco Silva Noelli, 147–197. Londrina: Eduel, 2004.

Träsel, Alberto. Subsídios para a História de Paverama. Paverama: sem publicação, 1966.

Vargas, Ana Maria, “A Família Lermen”. Monografia de graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1989.

Winiwarter, Verena. “Abordagens sobre a História Ambiental: Um Guia de Campo para os Seus Conceitos”. *Abordagens Geográficas* 1, 1 (2010): 1–21.

Worster, Donald. “Para Fazer História Ambiental”. *Estudos Históricos* 4, 8 (1991): 198–215.

An Environmental History of Batinga Sul - Rio Grande do Sul (Brazil)

ABSTRACT

The paper aims to discuss the relationship established between the environmental and cultural elements that constitute the historical formation of the locality of Batinga Sul, a countryside area located in the municipality of Brochier, between the Valleys of the Rivers Caí and Taquari, in Rio Grande do Sul (Brazil). Its territory has been occupied since approximately ten thousand years by a constant movement of anthropism marked by renewal, readjustment and transformation in the society-nature relationship, mediated, above all, by the determination of the techniques used on that space. Its landscape is, therefore, the result of a historical and cultural process. The study in question, developed in the interdisciplinary perspective of Environmental History and valuing the inseparability between culture and nature, is subsidized in the research carried out in local collections, as well as in Oral History and Ethnography. The research indicates that the local landscape, in addition to environmental conditions, is the result of a historical and cultural process marked by permanences and renovations that have been outlined since the first human settlements in the region, which, together with the German-Brazilian colonization, are constituents of collective memory and identity references of the contemporary local community.

Keywords: landscape, environmental history, Batinga Sul, territory, culture.

Recibido: 16/06/2020
Aprovado: 26/08/2020